



BEHAVIORISMO METODOLÓGICO E BEHAVIORISMO RADICAL¹

MARIA AMÉLIA MATOS

(Dept. Psicologia - USP)

BEHAVIORISMO como vocês já devem saber é uma palavra de origem inglesa, que se refere ao estudo do comportamento: "Behavior", em inglês. O Behaviorismo surgiu no começo deste século como uma proposta para a Psicologia, para tomar como seu objeto de estudo o comportamento, ele próprio, e não como indicador de alguma outra coisa, como indício da existência de alguma outra coisa que se expressasse pelo ou através do comportamento.

Na Idade Média, a igreja explicava a ação, o comportar-se pelo homem pela posse de uma alma. No início deste século, os cientistas o faziam pela existência de uma mente. As faculdades ou capacidades da alma causavam e explicavam o comportamento deste homem. Os objetos e eventos criavam idéias em suas mentes e estas impressões mentais ou idéias geravam seu comportamento. Vejam que ambas são posições essencialmente dualistas: o homem é concebido como tendo duas naturezas, uma divina e uma material, ou uma mental e uma física, como quiserem.

É uma posição difícil, conflitante, porque devo demonstrar como essas naturezas contatam, já que estão em planos diferentes. Notem além disso, a circularidade do argumento: ao mesmo tempo em que essa alma ou mente causavam e explicavam o comportamento, esse comportamento era a única evidência desta alma ou desta mente.

No mentalismo, o acesso às idéias ou imagens se faria somente através da introspecção, que seria então revelada através de uma ação, gesto ou palavra. Temos aqui um modelo causal de ciência: (a) o indivíduo passivo recebe impressões do mundo; (b) estas impressões são impressas na sua mente constituindo sua consciência; (c) que é então a entidade agente responsável por, ou local onde ocorrem processos responsáveis por nossas ações.

É preciso destacar que os processos cognitivos, tão falados hoje em dia, são uma forma de animismo ou mentalismo, em suas origens. A cognição é algo a que não tenho acesso direto mas que fica evidente no comportamento lingüístico das pessoas, no seu resolver problemas, no seu lembrar, etc., esquecendo que linguagem é produto de comportamento verbal; que solução de problemas é produto de contingências alternativas, e que lembrar é produto de manipulação de estímulos discriminativos.

O cognitivista recupera o conceito de consciência quando afirma estados disposicionais e/ou motivacionais que poderiam ser modificados de fora (instruções) ou de dentro (auto-controle) através de reestruturações cognitivas alcançadas por trocas verbais (ou seja, o comportamento verbal do outro é decodificado por mim e meu relato verbal, versão moderna da introspecção,

¹ Palestra apresentada no II Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Campinas, out/93. Versão revisada encontra-se publicada em: Bernard Rangé (org) *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas, Editorial Psy, 1995.

dá acesso ao outro às minhas cognições). Estes estados disposicionais assim modificados, agiriam então afetando e modificando comportamentos expressos. Não estou negando que existam crenças, sugestões, representações etc., mas estas são formas de se comportar, são classes de respostas, não eventos mediacionais, não causas diretas do comportamento. Aceito consciência como uma metáfora, um resumo de minhas experiências passadas (assim também aceito personalidade, como um conceito equivalente a repertório comportamental). Mas rejeito consciência como *self*, como agente decisor, causador, ou mediador do comportamento.

De qualquer modo, o Behaviorismo surgiu em oposição ao mentalismo e ao introspeccionismo. Em fins do século passado a ciência de modo geral começou a colocar uma forte ênfase na obtenção de dados ditos objetivos, em medidas, em definições claras, em demonstração e experimentação. Esta influência se fez sentir na Psicologia, no começo deste século, com a proposta behaviorista feita por Watson em 1924:

"Por que não fazemos daquilo que podemos observar, o corpo de estudo da Psicologia?" Ou, em outras palavras:

- estudar o comportamento por si mesmo;
- opor-se ao mentalismo;
- aderir ao evolucionismo biológico;
- adotar o determinismo materialístico;
- usar procedimentos objetivos na coleta de dados, rejeitando a introspecção;
- realizar experimentação;
- realizar testes de hipótese de preferência com grupo controle;
- observar consensualmente.

* Com exceção das duas últimas características, as demais também se aplicam ao que mais tarde veio a se chamar behaviorismo Radical.

Notem que estamos aqui diante de duas vertentes: uma filosófica (expressa nas quatro primeiras frases) e uma metodológica (expressa nas quatro últimas). Elas refletem a influência de várias tendências sobre o pensamento científico desde o final do século passado até o começo deste:

- O *Positivismo Social* de Auguste Comte, considerando que a ciência é uma atividade do homem, e o homem um ser social, postula a natureza social do conhecimento científico, rejeita a introspecção e estabelece como critério de verdade o observável consensual, isto é, o observável partilhado e sancionado pelo outro.

-O *Positivismo Lógico* do Círculo de Viena, considerando que eu só tenho acesso à informação que meus sentidos me trazem, não posso ter informações sobre minha consciência, cuja natureza difere da de meu corpo. É verdade que não posso negá-la, mas também não posso estudá-la. (É interessante que esta influência também levou ao idealismo e ao subjetivismo: já que não tenho acesso a nada senão minhas sensações, o mundo não existe, somente minhas impressões dele, só minhas idéias são reais).

-O *Operacionismo*, derivado da influência do Positivismo Lógico sobre a Física: se somente tenho acesso às informações que meus sentidos trazem, então a linguagem pela qual expresso e estruturo essas informações é o mais importante em ciência. A definição dos conceitos é fundamental, e definir é descrever as operações envolvidas no processo de medir o conceito. Essa descrição deve ser objetiva e referir-se a termos observáveis.

"Observação", pois, tornou-se um termo e uma operação fundamental para o Behaviorismo: ela define a categoria "comportamento", seu objeto de estudo. Comportamento é o observável e, por definição, observável pelo outro, isto é, externamente observável. Comportamento, para ser objeto de estudo do behaviorista, deve ocorrer afetando os sentidos do outro, deve poder ser contado e medido pelo outro. Dai dizer-se que em observação o que importa é a concordância de observadores, e portanto, a necessidade de um treino rigoroso nos procedimentos de registro e análise. Esta ênfase no procedimento de medida, na operação de acessamento levou mais tarde a que se comunicasse a aderência a estas características de BEHAVIORISMO METODOLÓGICO.

Mas o que é comportamento? E é aqui que as coisas começam a rachar. Comportamento não era visto como mais uma função biológica, isto é, própria do organismo vivo, e que se realiza em seu contato com o ambiente em que vive, como o respirar, o digerir. Dentro de uma Física newtoniana mecanicista da época, todo fenômeno devia ter uma causa (uma concepção funcionalista falaria em condições), e dentro da rejeição mentalista a causa do comportamento não poderia ser a mente, seria então algo externo ao organismo e observável, o ambiente, o estímulo. Vejam que afinal a concepção behaviorista é tão dualista quanto a posição mentalista: o corpo precisa ser animado pela alma tanto quanto o comportamento é expressão da mente ou produto da instigação do estímulo. A palavra "estímulo" veio de Pavlov (outra influência sofrida por Watson e os behavioristas da época e da qual também Skinner não conseguiu se livrar), e referia-se à troca de energia entre o ambiente e o organismo, quanto à operação realizada pelo experimentador em seu laboratório, uma parte ou mudança em parte do mundo físico que causava uma mudança no organismo ou parte do organismo, a resposta. Essa mudança observável no organismo biológico seria o comportamento. A manipulação experimental por excelência seria a reprodução desse modelo, a operação S-R. E é por isso que esta forma de behaviorismo ficou sendo conhecida por muitos como "a Psicologia da contração muscular e da secreção glandular".

Diante deste quadro vamos parar um pouco e analisar cinco frases:

1. Eu estou falando.
2. Eu escrevi esta palestra.
3. Eu vejo vocês.
4. Eu estou com sede.

5. Eu estou com dor de dente.

Enquanto falo, vocês estão vendo mudanças em meu organismo e ouvindo o produto destas mudanças, os sons da minha fala.

Vocês não viram meu comportamento de escrever, mas se concordarmos sobre a operação que define o escrever (deslocamento de minha mão segurando um objeto por sobre uma superfície deixando nela inscrições), vocês também concordarão que o produto do escrever, este papel, é sua evidência.

Qual a evidência consensual da frase 3? Ninguém vê ou ouve o meu "ver", e o meu ver só tem produtos para mim, não para vocês. No entanto o behaviorista metodológico aceitaria esta frase como um bom exemplo de descrição do comportamento de ver, assim como aceitaria meu registro da salivação do cão como evidência dessa salivação. Meu registro equivale a dizer que eu vi o cão salivar! Este registro seria aceito porque outras pessoas também poderiam relatar ter visto o cão salivar, a salivação do cão é observável consensualmente. Mas o que está em pauta aqui não é o salivar, e sim o meu ver. Esta contradição não foi resolvida pelo Behaviorismo Metodológico. E se várias pessoas relatarem que viram o cão salivar, isto será considerado um relato válido. Assim, um comportamento que em si não é observável e não poderia ser objeto de estudo do behaviorista metodológico, torna-se não obstante, fonte de dados para a construção da ciência deste behaviorista!

Já a frase 4 não apresenta evidência observável exatamente, nem produto, nem referencial externo acessível por todos. Neste momento o Behaviorismo Metodológico se deixou contaminar pela fisiologia, versão na qual subsiste até hoje. "Eu posso invadir o organismo e medir o equilíbrio hídrico dos tecidos, esta medida é um indicador da minha sede." Esta medida é um indicador do equilíbrio hídrico dos tecidos do meu corpo, não da minha sensação! Não do meu comportamento de sentir! (a linguagem é insuficiente, eu deveria dizer simplesmente "do meu sentir", mas sentir está vinculado a sentir emoção, sentir estados afetivos).

Vocês notam como o behaviorista metodológico começa a escorregar nas frases 3 e 4 e a apresentar rachaduras em seu modelo. Ele muda seu objeto de estudo para não mudar sua insistência num critério social de verdade. Mas a verdade é que eu sinto dor-de-dente! Assim como vocês não podem observar o "meu ver", não podem observar "meu sentir sede", e não podem observar "meu sentir dor-de-dente". Isto contudo não torna estas sensações menos reais para mim. E é aqui que começa a ficar evidente uma primeira e fundamental diferença entre o behaviorismo proposto por Skinner e aquele praticado pelos behavioristas metodológicos: o homem é a medida de todas as coisas, não o social.

Influenciado pelo Positivismo Lógico, Skinner aceita que o que existe para o indivíduo, existe! (daí aceitar e defender uma metodologia do N=1). Mas, para não cair no subjetivismo e idealismo, é importante analisar as evidências desta existência. E aqui estamos diante de um ponto importante (e difícil) que aproxima Skinner e os fenomenólogos: a evidência da existência do mundo, de um evento, etc. É a experiência do observador. A tarefa pois da ciência é analisar esta experiência, e ele inclui aqui, como essencial, a análise da experiência do cientista como parte do processo de construção do conhecimento científico (daí a importância do estudo do comportamento verbal para Skinner. A análise do comportamento verbal me permitiria estudar as circunstâncias em que essa experiência se deu, e assim entendê-la).

Ora, ocorre que a experiência que alguém tem de uma situação é um evento privado. E Skinner assim a aceita. Para Skinner, os estudos de eventos internos inclui-se legitimamente dentro do campo de estudos da Psicologia, de uma ciência do comportamento. Assim ele é radical em dois sentidos: por negar radicalmente (i.e., negar absolutamente) a existência de algo que escapa ao mundo físico, que não tenha uma existência identificável no espaço e no tempo (mente, consciência, cognição); e por radicalmente aceitar (i.e., aceitar integralmente) todos os fenômenos comportamentais.

O behaviorista metodológico não nega a existência da mente, mas nega-lhe status científico ao afirmar que não podemos estudá-la pela sua inacessibilidade. O behaviorista radical nega a existência da mente e assemelhados, mas aceita estudar eventos internos. Esta posição de Skinner se insere dentro da tradição do Positivismo Lógico, mas ao mesmo tempo se constitui num desvio desta forma de positivismo, talvez por ter sido mais influenciado por Mach que por Bridgman, e mais por Wittgenstein que por Carnap. Já que só temos informação do mundo pelos sentidos, porque excluir sensações do mundo interno e privilegiar as do mundo externo? Porque o critério de objeto da ciência deveria ser dado pela natureza do sistema sensorial envolvido? (proprioceptivo, interoceptivo e exteroceptivo). Nesse sentido, Skinner (embora reconhecendo a dificuldade de se ter acesso ao primeiro) não separa mundo interno de mundo externo. E é por isso que para ele não existem estímulos e respostas, existe uma unidade interativa Comportamento-Ambiente (não esquecendo que Ambiente é tudo aquilo que é externo ao Comportamento, não importando se é um piscar de luz, um desequilíbrio hídrico, um derrame de adrenalina, ou um objeto ausente associado a um evento presente; não importando se sua relação com o comportamento é de contiguidade espaço/temporal (o que é exigido pelo mecanismo metodológico para a troca de energias) ou não. É por isso que a psicologia proposta por Skinner não é uma psicologia S-R. Para ele não existe Comportamento (no sentido de não "podemos entender") sem as circunstâncias em que ocorre; e não tem sentido falarmos em circunstâncias sem a especificação do comportamento que circunstanciam.

Mas, porque afinal, o behaviorista metodológico rejeita estudar eventos internos se reconhece sua existência? Porque dá importância filosófica à diferença na localização -interna/externa- de eventos; porque praticamente equaciona eventos internos com eventos mentais; por que rejeita a introspecção?

Para o behaviorista metodológico, a evidência de que vejo vocês é que os outros vêem vocês. A evidência que vocês existem é que outros vêem vocês. A existência do mundo e do comportamento, a natureza do conhecimento que tenho deles é a experiência partilhada. Para o behaviorista radical, a evidência de que vejo vocês é meu comportamento, a evidência de que vocês existem também é meu comportamento. Para o behaviorista metodológico, o louco e o mentiroso são associados por não partilharem das experiências do outro. Para o behaviorista radical, o louco se comporta na ausência da coisa vista (como eu o faço em sonhos, nas minhas memórias etc.) com mais frequência do eu que faço, mas de acordo com as mesmas leis. Está sob controle de outras contingências, não as do aqui e agora, o mentiroso também.

Mas atenção! Ao observar eventos internos não estou observando nem minha mente nem minha personalidade, e sim meu próprio corpo.

Dizer que tenho dor-de-dente não é evidência da existência de uma dor-de-dente; não é relato da dor-de-dente (ou seja, o equivalente verbal da dor); é uma verbalização que precisa ser

explicada, entendida, interpretada, é um comportamento que eu digo que ocorre na presença de determinadas sensações internas; que um dentista diz que ocorre na presença de determinada condição da minha gengiva/dente, etc., mas que pode também ocorrer na presença de uma tarefa aborrecida que não desejo executar. Dizer que tenho dor-de-dente pode ser considerado um meio, assim como as descrições minhas e do meu dentista, das condições existentes, para começar a entender minhas sensações. Mas como sua natureza é verbal, esse entendimento não se dará enquanto não entendermos melhor o que é comportamento verbal e como é adquirido.

Evento privado é um objeto de estudo válido para a ciência, sua existência não precisa ser colocada sob critérios sociais, basta um observador, mas seus dados precisam ser replicáveis, preciso entender melhor suas variáveis.

Acredito que evento interno é o protótipo da concepção skinneriana de comportamento como unidade interativa: nele mais que em qualquer outro exemplo, definitivamente não posso separar comportamento e ambiente. Evento interno pode ser uma mudança no ambiente interno, pode ser uma reação a essa mudança, ou pode ser o efeito interno de mudanças externas. Algumas vezes posso identificar seu antecedente remoto externo, mas o imediato interno se mescla irremediavelmente com o evento comportamental.

Vou agora voltar atrás e falar do Behaviorismo Radical de uma forma um pouco mais sistemática. O Behaviorismo Radical é uma forma de behaviorismo praticada por B.F. Skinner e adotada por vários outros psicólogos: Ferster, Sidman, Schoenfeld, Catania, Heline, Jack Michael, etc. Constitue-se numa interpretação filosófica (isto é, baseada numa ideologia) de dados obtidos através da investigação sistemática do comportamento (o corpo desta investigação propriamente dita é a Análise Experimental/Funcional do Comportamento).

Esta interpretação descreve basicamente relações funcionais entre Comportamento e Ambiente (isto é, relações entre discriminações de mudanças na realidade observada e descrições das condições em que essas mudanças se dão) (como produto temos, não explicações realistas, não relações de causa-efeito, não leis baseadas no modelo da Física Mecânica de troca de energia, e sim a construção de seqüências regulares de eventos que eventualmente poderão ser descritas por funções matemáticas).

O behaviorista radical rejeita o mentalismo por ser materialista, e acaba com o dualismo por acreditar que o comportamento é uma função biológica do organismo vivo. Não preciso da mente para respirar, não explico a digestão por processos cognitivos, porque explicaria o comportamento por um ou outro?

O behaviorista radical propõe que existam dois tipos de transações entre o Comportamento e o Ambiente:

a) conseqüências seletivas (que ocorrem após o comportamento e modificam a probabilidade futura de ocorrerem comportamentos equivalentes, i.e., da mesma classe);

b) contextos que estabelecem a ocasião para o comportamento ser afetado por suas conseqüências (e que portanto ocorreriam antes do comportamento e que igualmente afetariam a probabilidade desse comportamento).

Estas duas classes possíveis de interações são denominadas "contingências" e constituem as duas classes conceituais fundamentais para a análise do comportamento. Relações funcionais são estabelecidas na medida em que registramos mudanças na probabilidade de ocorrência dos comportamentos que procuramos entender em relação a mudanças quer nas conseqüências, quer nos contextos, quer em ambos.

Por lidarmos com explicações funcionais e não causais, o importante é coletar informações ao longo do tempo, repetidas do mesmo evento, com os mesmos personagens (o behaviorista metodológico prefere observações pontuais em diferentes sujeitos, ou seja, o estudo em grupo, o que leva à estatística para descrever e/ou anular a variabilidade. Para o radical isto é uma heresia, de vez que estou tentando estudar a experiência daquele sujeito. Ao coletarmos registros ao longo do tempo devemos comparar o sujeito consigo mesmo, sua história passada é sua linha de base.

Mas, por outro lado, indivíduos de uma mesma espécie partilham de um mesmo conjunto de contingências filogenéticas, e indivíduos com histórias passadas semelhantes podem partilhar de contingências ontogenéticas semelhantes e, portanto, para certas variáveis é possível descrever funções semelhantes para diferentes indivíduos.

Para sua rejeição do mentalismo/cognitívismo como explicação do comportamento, e por sua posição não reducionista diante de eventos neurais (Skinner não aceita que eventos fisiológicos/neurológicos expliquem o comportamento, estas são outras tantas funções biológicas a serem explicadas. O comportamento é um campo de estudo em si mesmo. Evidentemente que há interação entre essas funções do organismo, mas essa relação não é de causalidade.) O behaviorismo radical é considerado um ambientalista e acusado de esvaziar o organismo, de estudar uma caixa preta... Não! Estas críticas se originam de uma postura pré-galileica, do que poderíamos chamar organocentrismo em Psicologia. O homem é o fenômeno de interesse, é a origem de todas as coisas, não sua interação com o universo. Para Skinner, o organismo não é nem gerente nem iniciador de ações, é o palco onde as interações Comportamento-Ambiente se dão.